

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 27 de novembro de 1904

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

JOÃO DA ROCHA

«Le genie est une puissance extraordinaire de sociabilité et de sympathie qui tend à la création des sociétés nouvelles ou à la modification des sociétés préexistantes.»

A que proposito, dirá alguém, vêm estas palavras de M. Guyau, sobre o **genio**, encimando um artigo em que nos propomos falar sobre João da Rocha?

Ei-lo ahi em foco!

No fundo alvacento de esta photogravura destacam-se uns traços ríspidos de official arrojado, que na sua *pós* arrogante, e quasi bravia, parece desafiar, altaneiramente, as hostes inimigas, em attitude de devastar, chacinar, despedaçar, numa furia desesperada e louca.

E? mentirosa a photogravura neste ponto.

Não estamos em presença de um guerreiro. Defrontamos, apenas, com um sabio, na mais larga accepção da palavra.

Os assomos emphaticos, que parecem divisar-se-lhe, são falsos.

Todos o sabem, porque todos o conhecem, de o verem ahi pelas ruas, atravessando rapido, trajando simples, numa apresentação modesta e captivante.

Mas o que poucos saberão é que, sob aquellas apparencias singelas, se esconde um homem de talento prodigioso e de genio fecundo, que, embora não seja barcellense, de

ha bastante tempo nos honra com a sua permanencia nesta villa.

Professor distinctissimo, escriptor muito notavel, poeta dum sentimentalismo suave e vaporoso, João da Rocha é, sobretudo, um homem de sciencia.

Nos escriptos divulgados em diferentes jornaes, nos seus livros como: — *N. Senhora do Lar* (verso), *Memorias de um «Medium»*, *Angustias*, — tem elle desenvolvido algumas das mais complexas questões scientificas, como: *Materia e Espirito*, *Substancia*, *Sobrevivencia animica*, etc., etc., questões de summa actualidade e de relevantissimo interesse, e que elle tracta sempre, não só com mão de mestre, que se debruça sobre os calhaços, e de lá copia as suas ideias e impressões, expondo-as, embora, com segurança e criterio—mas, principalmente, alumiado pela refulgente luz do ge-

nio que preseruta, cria e inventa.

Nos seus livros não se encontra a *arte* pela *arte*, ou a *arte* pela *fórma*, o que é detestavel: ha, simplesmente, e sempre, a *arte* pela *philosophia*.

A arte tende, hoje, a desempenhar uma função moral e social. E essa tendencia manifesta-se, rasgadamente, em todas as obras de João da Rocha.

Não escreve para agradar, escreve para instruir.



Mas remonta-se tanto, às vezes, no campo das ideias, que a nossa intelligencia, desvarada e prevertida pelas phantasias e levandades dos romances, não consegue acompanhá-lo nos seus vôos arrebatados.

João da Rocha é, pois, um genio, tal como o define Guyau, que antevê, na sua intuição de vidente, uma sociedade remodelada segundo os principios da verdadeira Sciencia — Occultismo, Espiritismo—ou como lhe queiram chamar, e que é a unica que, mais tarde, nos desvendará todos os mysterios das Religiões e a nebulosidade do Mundo dos Espiritos: — uma **Religião sem dogmas** e uma **Sobrevivencia** espiritual sem *foqueiras* e sem *demonios* e onde, como ainda diz João da Rocha, «amores e dores, no lestias e orgulhos, ignorancias e conhecimentos, miserias e glorias, remorsos e esperanças:—tudo acabará por fim.»

A «Lagrima» desvanecese por se illustrar com o retrato de um dos homens mais em evidencia no nosso meio litterario e scientifico, e, o que fica escripto, não representa uma biographia, nem tão pouco um estudo do talentoso retratado, trabalho melindroso e que ultrapassa os nossos parcos recursos intellectuaes.



CHRONICA DA QUINZENA

Dezembro entrou frio, nevooso e carregado, com os seus gêlos, com as suas chuvas e ventanias. Um véu de lucto pesa sobre a natureza amortalhada.

Pelas esquinas, pelas praças, erguem-se braços esqueléticos de crianças esguias, esfomeadas, sem lar, sem pão e sem arrimo. Arrastam-se mendigos quasi nus, esfarrapados, envoltos nas trevas da sua miseria hedionda.

Almas caritativas e generosas, estendei as vossas mãos roseas e nevadas aos filhos espurios da sorte. Reparti com elles dos arminhos reconfortantes em que vos agasalhaes.

A mão que se desata em esmolas sobre o pobre, enflora-se em bençãos no throno da Divindade.

*

No ultimo domingo realisou-se em o nosso «Gil Vicente» um espectáculo pela Companhia Dramatica Portuense.

A unica coisa aproveitavel que se lá fez, foi o *equilibrio no fio de prata*.

Mas uma coisa que muito nos chamou a attenção, e que, tambem, muito nos recommenda, foi o porte *robre e digno* do publico das galerias.

Muito bem!

Se estivessemos em um barracão indecente, surprehender-nos-hia aquella bella patuscada.

Mas na nossa unica casa de espectaculos não nos surprehendeu.

Se aquillo está na *massa do nosso sangue!*.

Como isto vai!

No theatro fuma-se, berra-se, chacotêa-se, dirigem-se insultos, soltam-se bacoradas, e isto em presença de tantas meninas e de tantas damas illustres.

E' o cumulo do descaramento!

Que faz a auctoridade?

*

Uma das coisas que ajuda muito a esquecer os regelos invernaes é, sem duvida, a *sarrabulhalha*.

E ha entre nós tantos amadores desta interessante distracção!

Os comidos são sempre os que têm a infelicidade de matar um cevado.

Vai uma perna para um lado, uma mão para outro, um lombo para outro, reúnem-se, depois, os amigos para acabar com o resto, e o desgraçado dono aproveita os ossos, quando muito.

Lembra-nos agora um caso succedido com um visinho barcellinense, ha tempos.

Foi este convidado para um *sarrabulho*. Vieram as *papas*, e o homem gostou tanto, que ingeriu a porção contida em tres enormes esculdellas.

Vieram depois os restantes *guisados*.

Aqui o homem deu por páus e por pedras. Queria comer, mas a barriga recusava-se. Estava repleta.

No meio da função desatou a chorar desalmadamente.

—Que tem você?—acudiram os commensaes.

—E' que eu gosto tanto disto, e não posso comer mais...

E continuou chorando, como uma criança.

Sirva isto de aviso aos amigos das *papas*.

Tiro-liro.



Providencias

Informam-nos que o nosso amigo e valente correligionario João *Alvo* fez annos no 1.º de Dezembro, e que os jornaes da localidade não deram essa noticia, motivo porque lavramos aqui o nosso vigoroso protesto contra tal desafôro.

Ar Linda

Ao Xavier Vianna

*E' sardinha d'Espozende,
E que boa e que fresquinha!
Pela rua quem a vende?
Quem apregoa a sardinha?*

—Sardineira, a quantas dá?
—Tire dez por um vintem.
—Mas são boas? Mostre cá.
—Eu não engano ninguém;

*«Como latos! são tamanhas
De cabeça e tão gordinhas...
Veja bem essas entrinhas!
Que frescura de sardinhas!»*

*Descendo então a ganella,
Junto da porta parou.
Eu fui roubado por ella,
Meu coração me levou.*

*Era baixa e fraudolenta,
Mas tinha um rosto bonito,
Que d'essa roupa sebeta
Vencia o cheiro erquisito.*

*Uma linda rapariga,
Tão loirinha e tão saqueira,
Não sei mesmo o que lhe diga
—Se era um anjo ou feiticeira—.*

*Perguntalo o nome aqui,
Dizia chamar-se Ar Linda.
Da sardineira que vi
Saudades eu tenho ainda!*

Barcellinhos, 27—XI—904.

A. da C.

ALBUM DA «LAGRIMA»

Transcrevemos do nosso presado collega de Vianna do Castello — «A Cruz» —; sob o titulo — *um pretendente a... jornalista* —, o seguinte precioso exemplar de orthographia sónica, devido á proficiente illustração dum cabo de policia e estalejadeiro em Poiares, e que não podemos resistir á tentação de recortar para este «Album»:

—«Inçulentimo Cenhore.

—Ofissio contal, numero 31, refferente au anu qe bae qorrendo, digo qe morre.

A despeza feita com a cabalgadura de boça çinhuria inlustruçima emportta em 1 440 r. e (tres pintos da antiga). Porbes necente de Pizo 240; sebada e erbas prá dita cabalagadura do çenhore impergado das Ovras Publicas 890 r. e pappelles deste arrasibo 10 r.; um teston do trabalho da minha çinhora que tebe de lhe botar pailha e oitras rassões cumidas vobidas e tal çim çenhores. Instalage em Çanto andré de qe sou uneco porpietario e minha çenhora, 23 de aberile de 1893 e tres.

O xefre do estabeçimento supra! J. A. offeecal de juizo ordenario cabo dordes dos çenhores admenestradores de poiares e penacova.

Posta escrito — Ce pra areceber o meu dinheiro sflore neçeçairo espampilha qeira qompralla para eu a prantar neste pappelle! mas ade çer çem demora perçe teinho de çahir pra fóra a citar um cailoteiro, qe a mim debe uns çabritos açados; e çaindo não çe poderá de çerto aremonizare. Pos emtareçes meus qe os do tizoiro publico, qe en tudo çer sfazer negocio?;... Isqueçiamse de meterle na qonta 200 r. é duma sferradura que le mandei deitar e qe munto aporpiada ficou — de boça çinhoria inlustruçima. — *José Augustio.*



Como a rua Direita nos impõe o socego e a pasnaceira, é sempre de estranhar qualquer coisa que se passe de anormal.

E' o caso: na penultima sexta-feira de manhã, ouviu-se a detonação de um gazometro, que se achava carregado e por descuido lhe chegaram lume perto.

O gazometro ficou bastante *contuzo*, sendo logo enviado para uma casa de saude onde esteve em *curativo*.

No meio da multidão alli chamada pelo ruido da explosão, apparece-nos um amigo, que diz:

—Foi uma sorte. Se lhe chegam a luz, morrem todos queimados.



O nosso amigo Joaquim Vinagre tinha uma vacca doente.

Mandou chamar o sobredito-cujo veterinario que immediatamente re-
ceitou.

Correram-se diferentes phar-
macias e, a muito-custo, se pôde conse-
guir quem aviasse, apenas, metade da
receita. Essa mesma metade custava
a bagatella de 5:000 reis, mas attento
o prestimo da illustre enferma, não se
olhava a gastar dinheiro.

—Applique-se-lhe hoje esta dóse, e
amanhã virá a receita por inteiro,—
bradou o Vinagre.

Dito e feito. A enferma a acabar
de tomar o remedio, e as suas precio-
sas *canellas a esticarem*, immediata-
mente.

—Ora sim senhor, bom remedio.—
diz o Vinagre.—E' caro, mas pelo me-
nos é de effeitos rapidos!

E mais só tomou metade da re-
ceita!



Um *galucho* de Fão achou-se no
oufro dia, pela primeira vez, em a
nossa *espaçosa e galante* rua Direita.
Ia admirando, pasmado, boquiaberto,
os palacios, os *chalets*, as vitrines,
etc., etc., quando se lhe deparam, em
frente, dois officiaes do nosso bata-
lhão, que vinham seguindo pelos pas-
seios lateraes, cada um por sua banda.

O *funqueiro*, atralhadissimo, não
sabendo como fazer a continencia,
atirou com as mãos ambas á testa, e
ficou parado, olhando na sua frente.

—Então isso é modo de fazer con-
tinencia?—perguntou um delles.

—O' senhor, desculpe, é que eu
queria contenta-los a ambos!



Recebamos e agradecemos os seguintes
livros, revistas e jornaes:

—**Irradiação do Pensamento** por Au-
gusto de Lacerda, obra premiada no concur-
so litterario realisado por occasião das «bodas
d'ouro do «Commercio de Porto». **O Passa-
tempo**, a **Chalaza**, o **Espozendense**, o **A B
C da Agricultura**, etc.

PERFIS SOLTEIROS

Do *minino* perfilado
Tanto tenho que dizer,
Que me vejo atralhadado
Para assim o descrever.

E' alto, mas não robusto,
E com piada tão boa,
Que o procuravam, sem custo,
No Pelicano, em Lisboa.

E' da Fazenda aspirante,
Não muito madrugador.
Mas tem pachorra bastante
Pra aturar o lavrador.

Nas charadas do Pimpão
Nada ha, que não decifre.
Na tuna, dizem então,
Que entrou a tocar o *pifre*.

Das *damas*, tem a *Gloria*,
De jogar com certo tino.
Tambem joga de memoria,
Com muitas artes, o quino.

Quando entrava na folia
Quer n'Apulia, quer aqui,
Todo o mundo o conhecia
Pelo *Conde de Gólhi*.

Minino.



Um punhado de mentiras

Está de *guarda ao leito*, em virtude do mau
tempo, o sr. Nunes Pereira.

—Foi visto em mangas de camisa, na rua da
Calçada, em a passada terça-feira, o snr. Gon-
calves da Cruz.

—Em passeio recreativo, passou em Casal
de Nil, montado numa bicycleta, o snr. Sousa
Neiva.

—Em virtude duma discussão animada, ba-
teram-se em duello, ultimamente, os srs. Paes
de Faria e João Oliveira, ao socco, ficando este
ultimo com uma perigosa contusão no hombro
esquerdo.

*

Porque rasão usa o Alvaro Costa calça de
andar a cavallo, se elle anda sempre a pé?